

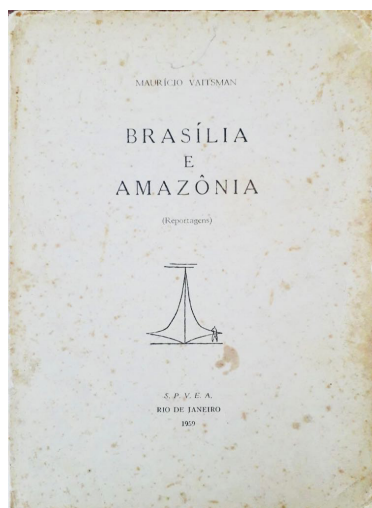


CARNEIRO, EDISON. A conquista da Amazônia. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação, 1956. 116 p.

Conforme explicação do autor, o livro resulta de três viagens à Amazônia em 1954 e 1955 a serviço da então Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (hoje CAPES), em missão conjunta da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), como membro da “Comissão Carapanã”, um grupo técnico encarregado de estudar a localização de novas colônias agrícolas no vale do rio Amazonas. As observações, complementadas com dados coletados à posteriori, “foram feitas durante essas três viagens, em contato direto com a terra, a gente e as vicissitudes da Amazônia”, no registro de Carneiro.

O livro é dividido em oito capítulos: “Os escravos do rio”, “A população da Amazônia”, “Amazônia – capital Belém”, “O cavalo de Átila” (sobre devastação e reflorestamento), “O quadro agrícola”, “Economia predatória”, “A sabedoria popular” e “Perspectiva”, concluindo com “Notas finais”, na qual o autor descreve o recorte geográfico, a composição da “Comissão Carapanã” e uma bibliografia que pode ser considerada o estado-da-arte sobre a Amazônia na primeira metade da década dos anos 1950.

Edison Carneiro (Salvador, 1912 – Rio de Janeiro, 1972) formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia em 1936. foi escritor, jornalista, poeta, etnólogo e jurista, considerado um dos maiores estudiosos de assuntos afro-brasileiros.



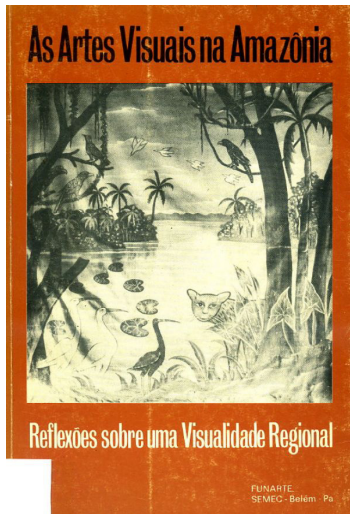
VAITSMAN, Mauricio. Brasília e Amazônia: reportagens. SPVEA, 1959. 140p. S/ilust. S/ISBN.

O livro reúne uma série de reportagens publicadas em jornais cariocas no final de 1958 e o início de 1959 sobre a mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro para Brasília. É um registro histórico sobre a integração da Amazônia e o cenário sobre a interiorização da Capital da República.

São vinte e duas reportagens que retratam diversos momentos e os possíveis benefícios e malefícios da necessária interiorização. As reportagens apresentam desde as ações pioneiras do então Presidente Juscelino Kubitschek para a construção de Brasília, o famoso encontro dos amigos no “Juca’s Bar” no Rio de Janeiro que determinou a construção do Catetinho e a opinião da oposição ao Governo JK.

Após as reportagens apresentarem o status das construções na Nova Capital, os capítulos seguintes registram a evolução da construção da Rodovia Belém - Brasília com as etapas, os fatos e os personagens. As dificuldades encontradas na logística da obra frente ao território, o encontro das duas frentes da construção - vindas do Norte e do Sul na cidade de Açailândia/MA em 1959, a conquista da Floresta como um território a ser desbravado e finaliza com perspectivas para o País da conexão entre São Paulo e a Amazônia.

Maurício Vaitsman foi jornalista e redator-chefe de importantes jornais no Rio de Janeiro e Diretor da Agência Nacional em 1961.



URIQUES, Evandro Vieira (org.). *As artes visuais na Amazônia: reflexões sobre uma visibilidade regional*. 1985. 188p. ilus. ISBN 85-246-0019-5

Nos dias 8 e 9 de novembro de 1984, o Instituto Nacional de Artes Plásticas da Fundação Nacional de Arte - FUNARTE realizou em Manaus o «1º Seminário sobre as Artes Visuais na Amazônia» em paralelo ao 7º Salão Nacional de Artes Plásticas.

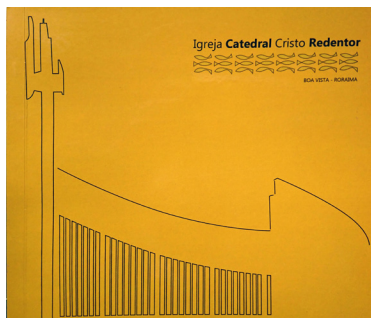
O seminário reuniu personalidades importantes no cenário nacional e dos estados do Amazonas e Pará, com a apresentação de treze conferências com a reflexão e a prática nos vários aspectos da temática.

O livro é fruto deste seminário e foi o primeiro volume da Coleção “Contrastes e Confrontos” organizado pela Comissão Nacional de Artes Plásticas como um espaço para discussões nacionais em contraponto com a regionalidade.

As conferências foram transcritas e revisadas pelos autores ao formato do livro e são um importante registro sobre o momento cultural na região na «década perdida».

A apresentação do livro é feita por Paulo Estelita Herkenhoff Filho com artigos de reconhecidos nomes no cenário nacional, como Berta Ribeiro, Carlos Zílio, Aline Figueiredo, Ana Margarete Heye e Miriam Limoeiro. Entre os autores presentes no livro dos estados do Amazonas e Pará estão Vicente Cecim, José Joaquim Marques Marinho, Renan Freitas Pinto, Osmar Pinheiro Júnior, Joaquim Alfredo Loureiro e Thiago de Mello.

Cabe destacar no livro o artigo, “Arquitetura de Morar na Amazônia” do arquiteto Severiano Mario Porto.



PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. **Igreja Catedral Cristo Redentor**. Boa Vista: Gráfica Ióris, 2011. 54 p. ilus.

A catedral de Boa Vista foi construída entre 1967 e 1972 e efetivamente terminada em 2011. A publicação celebra sua conclusão, registrando um bom conjunto de fotografias de época, do contexto da cidade ao andamento da obra, bem como documentos relativos à sua concepção e execução. Embora diagramado em pequeno formato, o livro reproduz perspectivas das várias propostas do autor do projeto, o padre italiano Mário Fiameni.

Além do informe dos fatos relacionados à concepção e construção da catedral, o texto redigido por Gersika do Nascimento Bezerra e padre Raimundo Vanthuy Neto enfatiza as dificuldades da execução da obra frente às limitações dos recursos disponíveis, da mão-de-obra pouco qualificada que se formou no canteiro a partir do esforço dos envolvidos no processo e dos materiais para construção e acabamento – vindos do Brasil e do exterior –, em quase tudo importado senão os insumos brutos. Enfatiza-se a condição formadora de operários locais para a construção civil que as obras da catedral ensejaram: nativos e migrantes, boa parte de nordestinos, aprendendo com os mestres responsáveis a execução de estruturas mais complexas de concreto armado.

Além da crônica de sua construção, o livro é didático na explicação dos aspectos simbólicos dos elementos da Catedral e do seu interior, também na decoração.



REIS, Patrícia Orfila Barros dos. *Modernidades tardias no cerrado: arquitetura e urbanismo na formação de Palmas*. Florianópolis: Editora Insular, 2018. 208 p. ilus. ISBN 978-85-524-0041-7

Derivado de tese defendida no programa de pós-graduação em História Social do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2011, é dos primeiros e poucos trabalhos acadêmicos de porte sobre a capital do Tocantins que ganha formato de livro. A análise sobre Palmas desenvolve-se diante da indagação sobre as noções de modernidade, modernismo, modernização e moderno, filtrando a compreensão sobre a nova capital e seus discursos – visíveis ou invisíveis – através da literatura, da filosofia, da história, das ciências sociais, da arquitetura e do urbanismo.

O 1º capítulo é uma remissão à Paris de Haussmann e às capitais Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e Palmas. O 2º capítulo resgata e relativiza a narrativa oficial da criação de Palmas e busca identificar uma genealogia urbanística com os precedentes de Goiânia e Brasília. O capítulo 3 analisa “a tentativa de ‘formação das almas tocantinenses’” mediante o reconhecimento dos discursos e práticas manifestadas na arquitetura, urbanismo e artes. O último capítulo dedica-se à compreensão da realidade de uma cidade de cerca de vinte anos de existência em sua vitalidade e paradoxos, com um olhar histórico e antropológico de seus espaços e habitantes.

Patrícia Orfila é professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins, doutora Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Engenharia Urbana pela Universidade Federal de São Carlos.